



SALÃO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA XXVIII SIC

paz no plural



Evento	Salão UFRGS 2016: SIC - XXVIII SALÃO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA DA UFRGS
Ano	2016
Local	Campus do Vale - UFRGS
Título	A perspectiva na fotografia de arquitetura
Autor	FABIO DO AMARAL BECK
Orientador	CESAR BASTOS DE MATTOS VIEIRA

Resumo Salão de Iniciação Científica 2016 UFRGS

Acadêmico: Fabio do Amaral Beck - Faculdade de Arquitetura UFRGS

Orientador: César Bastos de Mattos Vieira, Prof. Arq. Dr. - Faculdade de Arquitetura UFRGS

A perspectiva na fotografia de arquitetura:

Por ser utilizada como uma ferramenta de representação da arquitetura e urbanismo, entende-se que a fotografia de arquitetura e cidade deva seguir certos estatutos e padrões. Estas estratégias podem variar conforme o público-alvo que se deseja alcançar com tais fotografias, mas são estratégias que de certa maneira alteram a “realidade visual”. Já é conhecido o fato de que a fotografia de arquitetura tenta resumir o modelo arquitetônico/urbanístico – edifício ou cidade – nas suas perspectivas essenciais. E faz isto, com muita frequência, tendo um ponto de vista o olhar muito singular de cada fotógrafo. Com a utilização desta estratégia fotográfica, o resultante são fotografias de arquitetura e cidade que apresentam muito mais do que “féis representações da realidade visível”. São, na verdade, interpretações com forte cunho autoral por parte do fotógrafo sobre o assunto fotografado. A consequência possível desta atitude, sem que seja percebida por parte de um leitor ingênuo e despreparado, pode ser a alteração da percepção (leitura) da cena registrada, se comparada a quem a visite e vivencie sua materialidade.

Uma das principais estratégias utilizadas, pela fotografia de arquitetura e cidade, é a eliminação da convergência das linhas verticais da perspectiva (isto ocorre quando a visada não é perpendicular ao plano registrado). A eliminação deste efeito visual é possível através de lentes especiais (*perspective control*), ou de software de tratamento de imagens (Photoshop, por exemplo), ou do uso consorciado destes dois recursos. Essas técnicas são amplamente utilizadas na fotografia de arquitetura e cidade, nos dias atuais, e podem gerar certas aberrações dimensionais em maior ou menor grau dependendo das condições oferecidas pelo local. Os resultados mais divergentes com relação aos observado *in loco* acontecem quando não se consegue uma distância razoável do ente arquitetônico ou parcela da cidade e, portanto, demandam a utilização de lentes supergrande angulares para se conseguir o registro completo e desejado da cena. Em casos extremos há a necessidade de se fazer varreduras, ou seja, montagens fotográficas de mais de um fotograma via software, o que aumenta ainda mais as distorções dimensionais. A utilização destes recursos acarreta numa decodificação da cena registrada (da edificação ou parcela da cidade) pelo aparelho fotográfico de maneira mais contundente e visível, resultando numa fotografia pouco semelhante a observada pelo olho humano no mesmo local. O mais interessante é que o público especializado (arquitetos, teóricos e editores de revistas e sites especializados em arquitetura) preferem e até definem como “boa fotografia de arquitetura e cidade” aquelas que não apresentam a convergência vertical sem, entretanto, refletirem, de maneira mais aprofundada, que consequências esta estratégia fotográfica traz à leitura da cena. Este padrão de imagens são, de certa maneira, imagens mais impactantes do que as obtidas de maneira mais fiel ao ambiente observado, agregando a cena monumentalidade e certas características visuais que as vinculam aos estatutos visuais oriundos do desenho técnico.

Este trabalho tem como objetivos problematizar e refletir sobre os efeitos deste fenômeno da fotografia de arquitetura e cidade e de suas possíveis consequências na percepção da arquitetura e da cidade por parte de seus diversos leitores/espectadores.